

## **Evasão na Educação Superior no Brasil: desafio à gestão acadêmica**

Hércules Ferrari Domingues da Silva  
Waldemar Marques

**Resumo:** Este artigo discute o fenômeno da evasão na educação superior no Brasil numa perspectiva histórica, abordando fatos relacionados ao desligamento de estudantes, desde a educação jesuítica no período colonial até os dias atuais, concluindo com um estudo de caso em uma instituição particular de ensino superior no interior paulista. Destaca a incidência com que ele ocorre num plano mais amplo, estabelece distinções quanto a instituições públicas e privadas, e como a evasão varia conforme o turno e período do curso e outras variáveis significativas. Apresenta e discute as principais razões que levam à evasão, bem como a influência da integração ao meio acadêmico na decisão de deixar os estudos. Discute as implicações da evasão para a gestão acadêmica, sugerindo linhas de ação para seu equacionamento.

**Palavras-chave:** Educação superior. Evasão. Gestão acadêmica.

## **Dropout in Higher Education in Brazil: challenge to academic management**

**Abstract:** This article discusses the phenomenon of evasion in higher education in Brazil in a historical perspective, addressing facts related to the shutdown of students since the Jesuit education in the colonial period to the present day, concluding with a case study in a private institution of higher education in São Paulo. It highlights the impact that it occurs in a broader plan, draws distinctions between public and private institutions, such as evasion varies by shift and period of the course and other significant variables. It presents and discusses the main reasons that lead to evasion, as well as the influence of socialization into the academic environment in the decision to leave the studies. Discusses the implications of evasion for academic management, suggesting lines of action for addressing them.

**Keywords:** Higher education. Dropout. Academic management.

O foco deste artigo é a evasão na educação superior e suas implicações para a gestão educacional, mais especificamente para a gestão acadêmica. São muitos os aspectos que envolvem a gestão acadêmica: infraestrutura física de instalações e equipamentos para as atividades de ensino e pesquisa, recursos financeiros, pessoal qualificado para as atividades de apoio, ensino e atendimento ao aluno, programas de ensino, pesquisa e atividades de extensão com qualidade técnica e relevância social, e muitos outros. Este artigo se centra na questão da evasão, dadas suas implicações psicossociais e políticas mais amplas de inclusão social. Busca-se analisar as razões da evasão, num esforço de reflexão teórica; a questão da evasão é abordada também numa perspectiva histórica no evoluir da educação superior no Brasil; este artigo apresenta e analisa um quadro quantitativo da evasão na educação superior no Brasil; numa análise de caráter mais empírico, destacam-se as razões de evasão apresentadas pelos próprios estudantes; finalmente, num último tópico do artigo, a discussão se abre para a problemática da gestão acadêmica frente ao fenômeno da evasão.

Numa perspectiva histórica, a questão da evasão na educação superior no Brasil é algo que existe desde os primeiros tempos da educação jesuítica. A existência de contingentes de jovens nas instituições de educação comandadas pelos jesuítas facilitava a convocação militar em tempos de guerra. Por outro lado, “a segregação por cor da pele” (CUNHA, 2007a, p. 34) e as longas distâncias que separavam as famílias dos estudantes das poucas escolas jesuítas no Brasil colônia e os altos custos que isto implicava tinham também sua influência sobre a continuidade dos estudos. Nos finais do Império, dados referentes aos Cursos de Medicina e Farmácia apresentam fortes indicativos da evasão quando se comparam os matriculados com os que não renovaram a matrícula (SILVA, 2015).

Na 1ª República, a fragilidade das instituições de educação superior, universidades “que tiveram vida curta”, no dizer de Cunha (2007a, p. 177), criadas “no Amazonas, em São Paulo e no Paraná”, não permitiu o surgimento de um contingente de estudantes de nível superior estável. No período correspondente à República Populista (1945-1964), segundo Cunha (2007b), a evasão está associada ao alto custo para as famílias poderem manter seus filhos nos estudos bem como a discrepância entre a formação superior e o mundo do trabalho. A profunda mudança ocorrida na educação superior após os anos 70 do século anterior, como o crescimento vertiginoso do setor privado, ampliam sobremaneira a matrícula, mas ao mesmo tempo ampliam também o problema da evasão. No período do governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), estudos

realizados pela Comissão Especial de Estudos sobre Evasão apontavam altas taxas de evasão (50%) nas universidades públicas e baixo número de concluintes (BRASIL, 1996). As mudanças na educação superior no período do governo de Luiz Inácio Lula da Silva (2002-2009) foram significativas: propostas de fortalecimentos das universidades públicas federais, políticas de inclusão, concomitante ao fortalecimento e expansão do setor privado da educação superior mediante crédito ou isenção fiscal, a ampliação dos cursos superiores de curta duração e educação a distância. Ainda assim, segundo Monteiro et al. (2011, p. 48), “a evasão persiste acima dos 40%, quando é realizado o cálculo da evasão total, caracterizado pela diferença entre o número de ingressantes e o número de concluintes”.

Como se sabe, a educação superior constitui uma dimensão da sociedade maior; o que acontece na sociedade afeta a educação, e o que acontece na educação afeta a sociedade. Assim, crises políticas e econômicas tendem a produzir impactos sobre a educação superior. Contudo, esta constatação sociológica corre o risco de estimular uma atitude conformista, como se a realidade fosse assim por força de uma lei social independente da vontade humana. Por isso, é fundamental indagar: que razões levam o estudante a abandonar o curso? Existem razões cujo conhecimento abriria a possibilidade de seu controle? É preciso não esquecer que uma instituição de educação superior é também um tipo de organização social e, como tal, ela é administrada, gerenciada, e um dos fatores para a boa gestão é o conhecimento das condições de funcionamento da instituição educativa. Há, contudo, características próprias das instituições educativas que as distinguem substancialmente de qualquer outro tipo de organização, como, por exemplo, a empresa (DIAS SOBRINHO, 2003). Nesta, a gestão está direcionada ao mercado, ao lucro; eficiência e eficácia respondem a este fim precípuo. Diferentemente, a instituição educativa responde a necessidades sociais mais amplas, de formação humana e construção da sociedade. Esta distinção, contudo, não elimina o fato de que ela deva ser administrada, e, por razão maior, ser bem administrada.

Vale lembrar, a este respeito, o que afirma Gareth Morgan (1996, p. 14) sobre o papel do gestor:

Administradores eficazes e profissionais de todos os tipos e estágios, não importa sejam executivos, administradores públicos, consultores organizacionais, políticos ou sindicalistas, precisam desenvolver suas habilidades na arte de “ler” as situações que estão tentando organizar ou administrar[...] [...]habilidade de desenvolver profundas apreciações sobre as situações que estão ocorrendo[...] [...]destreza para ler situações,

tendo em vista cenários em mente e concebendo ações que parecem apropriadas às leituras assim obtidas.

Assim, uma leitura mais aprofundada sobre a evasão abre a possibilidade de melhor compreensão deste fenômeno e por conseguinte melhores chances para seu enfrentamento no âmbito da instituição específica, de modo que sejam analisadas as características próprias e o contexto socioeconômico no qual a IES está inserida.

Vários estudos realizados ao final do século passado e na primeira década deste século, em universidades públicas no Brasil, sugerem uma constelação de fatores que levam os estudantes a abandonar o curso e no limite abandonar os estudos (SILVA, 2015). Um deles se refere à insegurança em relação ao curso em si, seja porque o curso não correspondeu às expectativas iniciais do estudante, seja pelas deficiências das condições “físicas” do curso, seja pela dificuldade de adaptação do estudante à dinâmica do curso e ao seu processo de ensino-aprendizagem, seja pela inadequação do currículo; ao final, a desmotivação se instaura. Outro motivo de evasão se deve ao fato do curso não ter sido a primeira escolha do estudante; apenas uma segunda ou terceira opção, algo como prêmio de consolação, melhor do que ficar fora da universidade. A dificuldade de conciliar os horários de trabalho e do curso bem como a exigência de tempo que ambas as atividades exigem aparecem também como fator que predispõe o estudante a abandonar o curso. Este fator está associado à condição socioeconômica do estudante que, não tendo condições de ser mantido pela família, além de prover sua subsistência própria, também contribui para a manutenção da casa. A falta de perspectivas em relação ao mercado de trabalho merece também destaque neste conjunto de fatores que desencorajam o estudante a prosseguir seus estudos (BRAGA; PEIXOTO; BOGUTCHI, 2003; BRASIL, 1996; MERCURI; POLYDORO, 2003; SCALI, 2009).

Cabe destacar, ainda, que o novo ambiente sociocultural da universidade passa a exigir novos hábitos de estudo, a recriação de contatos e vínculos num mundo bastante diferente daquele até então vivenciado pelo estudante, exigindo dele um grande esforço de ressocialização num curto período de tempo. O mau desempenho acadêmico, a reprovação constitui o corolário desta constelação de fatores que vão empurrando o estudante para fora da universidade, frustrando suas expectativas de vida e expectativas da família. Não obstante os destaques aqui apresentados, trata-se de uma combinação de motivos que levam à evasão (TINTO, 1993).

Estudos sobre evasão em instituições particulares de educação superior apresentam um quadro diferente quando comparado com as instituições públicas. Nas instituições particulares de educação superior, os professores são usualmente remunerados por hora aula, os cursos em sua maioria noturnos, os alunos são oriundos predominantemente de escolas públicas que trabalham e custeiam seus estudos.

Pesquisas realizadas em instituições particulares de educação superior indicam que a principal razão do trancamento da matrícula e no limite do abandono do curso está associada à situação financeira do estudante. A dificuldade para compatibilizar horário de trabalho e horário do curso também surge como importante. São variáveis externas às instituições educacionais. Entre os fatores internos relacionados à forma como a instituição está estruturada e como funciona são apontados: a dificuldade de integração acadêmica e adaptação do estudante ao curso, descompromisso dos docentes com o curso, bem como deficiências didático-pedagógicas dos mesmos. Outros fatores de evasão estão relacionados às opções feitas pelo estudante: escolha errada do curso e daí a insatisfação com o mesmo, bem como insegurança quanto à carreira profissional escolhida. Estas constatações, reiteradas por pesquisa recente (2013), sugerem que as políticas de inclusão que preveem o financiamento dos estudos, Financiamento Estudantil – FIES, ou a concessão de bolsas do Programa Universidade para Todos - PROUNI, em que pese sua inegável relevância, não atuam com força suficiente a ponto de minimizar a evasão nas instituições particulares de educação superior (CAPELATO, 2013; MONTEIRO et al. 2011; PEREIRA, 2003; POLYDORO, 2000; PORTELA, 2013).

Silva (2015) faz uma interessante constatação ao afirmar que os motivos que levam à evasão estão presentes tanto nas instituições públicas de educação superior como nas particulares. Ainda mais, tal constatação reafirma as análises de Tinto (1993) que se aproximam de uma elaboração teórica mais ampla. Contudo, tais razões se apresentam com peso diferente quando se comparam as instituições públicas e as particulares. Por exemplo, nas particulares predominam os problemas de ordem financeira como motivo de evasão; nas públicas, este motivo é pouco expressivo, sobressaindo-se neste caso motivos relacionados ao curso escolhido. Esta distinção indica que, do ponto de vista prático, torna-se necessário analisar situações específicas, mais próximas do cotidiano de cada instituição, de cada caso. Como aponta Silva (2015, p. 78):

O fenômeno da evasão [...] é complexo e apresenta características próprias em cada IES, havendo assim a necessidade de se estudar as especificidades do contexto em que cada IES está envolvida, incluindo todos os integrantes do corpo discente, docentes e administrativo que a compõem, com o objetivo de entender o que leva o estudante [...] a interromper seus estudos.

Ou seja, as análises de natureza mais ampla, que tendem a algum grau de teorização, se tomadas como “ferramenta” de gestão exigem dados e análises mais circunstanciadas de modo a apreender as especificidades de uma situação. Em outras palavras, à teoria se funde a empiria.

Nesta direção, o estudo realizado por Silva (2015) em uma IES privada apresenta resultados importantes para a gestão acadêmica, por sua vez “inspirados” numa visão teórica mais sólida. Numa visão global da instituição, a pesquisa indicou que pouco mais da metade dos alunos matriculados consegue concluir o curso e pouco menos da metade abandona o curso antes de sua conclusão; mais precisamente: de 100 matriculados 53 alunos concluem o curso, 47 não o concluem. A primeira constatação deste estudo é que a evasão varia conforme o turno do curso, sendo mais alta nos cursos noturnos. Este é um fato perfeitamente compreensível, pois coloca o estudante no curso noturno frente ao limite físico do tempo: em acréscimo às longas horas de trabalho diurno soma-se outra carga horária de trabalho acadêmico noturno, acrescentando a isto o tempo e a energia gastos com deslocamento. Embora se possa argumentar que esta é uma variável externa à instituição, que não é passível de controle e intervenção, é inegável que são muitas as implicações destas para o processo de ensino-aprendizagem, determinando, assim, a necessidade de amplas e profundas reflexões por parte da administração, sobretudo no que se refere à organização e práticas pedagógicas.

Outra constatação desta pesquisa é que a evasão varia segundo o tipo de curso. Em determinados cursos ultrapassa a metade: Hotelaria (68%), Sistemas de Informação (59%), Serviço Social (58%), Educação Física (57%). Outra constatação importante é que a evasão é particularmente acentuada no primeiro ano do curso, com destaque para: Hotelaria noturno (52%), Análise e Desenvolvimento de Sistemas noturno (50%), Gastronomia matutino (42%), Sistemas de Informação noturno (41%) e Serviço Social matutino (39%). Nestes casos, metade ou quase a metade dos estudantes já desistiram do curso no primeiro ano.

Finalmente, os principais motivos que levam à evasão, segundo constatou esta pesquisa, abrangem três categorias distintas: situação financeira, falta de vocação/afinidade com o curso e problema de horário. Ao todo, este conjunto de razões ultrapassa 60%, com destaque para o

motivo situação financeira, que aparece com maior destaque. Outros motivos, como mudança, problema de saúde, desempenho insatisfatório, transferência de faculdade, transporte, baixa qualidade do ensino e problemas com docente, compõem os outros 40% restantes, aparecem com menor intensidade.

Quais as implicações que a evasão coloca para a gestão acadêmica? Primeiramente, convém destacar que fatores externos à instituição são mais difíceis de enfrentamento, pois suas origens estão no meio social mais amplo: estão neste caso as limitações financeiras dos estudantes e/ou de suas famílias para arcar com os custos do curso e curso noturno, ambas interligadas, bem como os compromissos de trabalho e com a própria família. Este fato não exime, contudo, o esforço da instituição na busca do equacionamento do problema da evasão, no âmbito de sua atuação. Financiamento próprio da instituição, prorrogação da dívida, alternativas que aliviem a pressão sobre o estudante e mantenham a chance de sua permanência são passíveis de serem consideradas, proporcionando um ambiente de acolhimento na IES. Trata-se, pois, de flexibilizar uma situação que, de um lado não comprometa tanto a situação financeira da instituição quanto sua organização, e do outro faça valer a responsabilidade social de uma instituição educativa.

Cumprê lembrar que nos anos anteriores à crise atual que atravessa o Brasil, a educação superior privada se configurava como o setor de investimentos que apresentava grandes lucros, superando até mesmo grandes empresas nacionais estatais e multinacionais. A progressiva transformação da educação superior em mercadoria em nosso país é um alerta para o risco que isto representa no sentido da perda do sentido social da educação. Daí a importância da questão da evasão ser equacionada no sentido de preservar a viabilidade financeira da instituição sem perder de vista as finalidades maiores da educação superior enquanto promotora de inclusão social digna.

Outras variáveis são de natureza interna à instituição, como turno do curso, tipo de curso, ano do curso. O fato de a evasão ocorrer mais fortemente nos cursos noturnos apresenta implicações diretas quanto aos aspectos didáticos-pedagógicos e de apoio ao estudante, sugerindo práticas que estimulem o protagonismo discente, em contraposição a práticas tradicionais centradas na transmissão de conteúdos, buscando assim um envolvimento maior do estudante na vida acadêmica, consolidando sua permanência. Não se está advogando aqui o aligeiramento da qualidade do ensino. O que se deve destacar é que as condições do estudante trabalhador do curso

noturno são muito diferentes das condições do estudante não trabalhador do curso diurno. Tratar o diferente da mesma forma é predispor ao fracasso aquele que está em condições menos favoráveis. Nas condições apontadas cumpre empreender programas de desenvolvimento docente a atividades de suporte ao estudante de modo a prevenir a desistência do curso. De forma similar, aqueles cursos em que a taxa de evasão é mais alta exige por parte da administração atenção especial visando identificar as razões deste diferencial e em decorrência, as ações que se impõem como necessárias.

Como já acentuado, a evasão ocorre sobretudo no primeiro ano do curso, quando as dificuldades de adaptação ao meio acadêmico, o não atendimento às expectativas dos estudantes atuam mais acentuadamente. Também neste caso, esta constatação requer atenção especial por parte dos gestores e docentes; requer a consciência de que o primeiro ano do curso superior constitui um período de forte transição para um outro meio social, que exige novos hábitos, costumes e comportamentos próprios à instituição de educação superior, lembrando que o estudante estará inserido em dois sistemas ao mesmo tempo, o “sistema acadêmico” e o “sistema social” (TINTO, 1993, p. 114) ambos interligados e com influência na decisão de permanecer ou interromper seus estudos. Neste novo contexto sociocultural de que o estudante passa a fazer parte, nesta nova teia de relações que lhe apresentam, talvez a de maior peso seja uma nova relação com o saber, própria da cultura acadêmica, o que põe em destaque a importância da integração ao novo grupo social.

Todo este contexto no qual o estudante se vê envolvido ao ingressar na educação superior e durante a realização de seu curso até a sua conclusão, conforme aqui apresentado, é coerente com o Modelo Longitudinal de Evasão de Vincent Tinto (TINTO, 1993), ferramenta importante para entendimento da evasão e gestão acadêmica. Este modelo compõe-se de seis dimensões interligadas. Primeiramente, estão as experiências vivenciadas pelo estudante antes do ingresso na educação superior: experiência familiar, conhecimentos, competências e habilidades desenvolvidas, qualidade da escolarização anterior, fatores que influenciarão diretamente os objetivos e compromissos do estudante ao ingressar no curso superior. A segunda dimensão refere-se a objetivos pessoais do estudante, seu comprometimento com a instituição de ensino e suas intenções em permanecer. A terceira dimensão refere-se às interações fora da sala de aula com professores, funcionários e com os grupos de colegas. A quarta dimensão é caracterizada pela integração acadêmica, por sua vez fruto da intensidade das ações realizadas no sistema

acadêmico, e pela integração social. Na sua análise sobre a integração, Tinto (1993) afirma que quando a integração acadêmica está enfraquecida, a probabilidade de que o estudante desista é maior mesmo que ocorra a integração social. A quinta dimensão é caracterizada pelos compromissos, objetivos intenções do estudante com a instituição, que por sua vez são também influenciados por fatores externos. No conjunto, estes fatores fortalecidos predisõem o estudante a continuar o curso; ou, enfraquecidos, levam à última dimensão, a consequência final, caracterizado pela decisão de se evadir.

Na pesquisa realizada por Silva (2015) é apresentada uma proposta de gestão da permanência, organizada de maneira que o estudante não efetive seu desligamento. O programa de gestão da permanência consiste em estabelecer uma rotina de atendimento ao estudante, de modo que quando este procura o setor de atendimento ao aluno para efetivar seu desligamento, este desligamento não é realizado imediatamente, sendo necessário o parecer de um docente, o qual atende o estudante, solicita que este preencha uma Ficha de Informação de Evasão. Através das informações constantes nesta ficha e das informações fornecidas no momento da entrevista, este profissional busca entender o contexto do desligamento e orientar o estudante sobre o que a IES pode fazer naquele caso em específico. O mesmo autor (p. 80) faz a seguinte observação “Ressalta-se que em alguns casos o desligamento é revertido apenas com alguns esclarecimentos feitos pelo docente que atendeu o estudante”. Somente depois desta entrevista é que o estudante efetivará seu desligamento, caso ainda mantenha esta decisão. Assim, o ato do desligamento deixa de ser apenas mecânico, que se resume ao preenchimento de um requerimento pelo estudante.

Na conclusão de sua pesquisa, Silva (2015, p. 147-148) elenca algumas sugestões de ações para a gestão da permanência:

[...] acompanhar a evasão dentro de cada curso e comparar com o todo; implantar uma cultura de busca do entendimento do fenômeno da evasão; comprometimento da alta gestão; comprometimento dos docentes e do corpo administrativo da IES; criar a cultura de atenção ao fenômeno da evasão; treinar uma equipe para fazer o atendimento ao estudante que pretende se desligar; não permitir que os estudantes se desliguem sem serem ouvidos por alguém habilitado; acompanhar os números de evasão e organizar tabelas; identificar os motivos mais frequentes e traçar estratégias para entendê-los e minimizá-los; oferecer alternativas como negociação das mensalidades, o FIES, apoio psicopedagógico e atividades de nivelamento; desenvolver atividades internas e externas que fortaleçam o vínculo do estudante com a IES; acompanhamento constante do nível de aprendizagem; incentivar o corpo docente a fortalecer o vínculo com os estudantes; etc.

Estas são algumas das indicações passíveis de serem implementadas pelos gestores das instituições de educação superior visando diminuir a evasão e seus consequentes impactos institucionais e sociais. Do ponto de vista operacional, o enfrentamento da evasão requer por parte de instituição um conhecimento consistente do problema que vá além do senso comum, conforme apontado no decorrer deste artigo; conhecimento das características e fatores da evasão. Em segundo lugar este conhecimento prévio deve balizar a elaboração de um instrumento (questionário ou escala) que contenha as perguntas necessárias e suficientes que venham a produzir dados relevantes, tanto quanto orientar entrevistas em casos particulares quando necessário, na perspectiva de uma ação preventiva. Em terceiro lugar, quando da formalização do pedido de desligamento pelo estudante, é necessário que haja funcionários da instituição devidamente treinados e orientados para que o preenchimento do questionário seja feito de forma completa, não apressada, de modo a garantir a qualidade dos dados. Por último, visto que a evasão é um problema da instituição como um todo, o docente tem aí um papel de destaque. Para as instituições particulares esta situação é mais complexa, razão pela qual requer maiores cuidados por parte da administração acadêmica. Quer o docente dê apenas duas aulas por semana, ou tenha carga horária completa, o comprometimento com o curso tem o mesmo valor. Considerando que esta é uma variável significativa como fator de evasão, sobretudo nas instituições particulares, o conjunto dos funcionários da instituição, em especial os professores, em virtude do seu contato próximo e frequente com os estudantes, deve redobrar a atenção no acompanhamento das atividades do aluno, possibilitando, assim, a identificação das dificuldades no momento em que elas surgem e em que circunstâncias surgem.

Vale relembrar, ao final deste artigo, a ênfase que Dias Sobrinho (2005) dá à ideia chave de “pertinência social” pela qual deve estar imbuída a formação superior. Independente desta formação ocorrer em uma instituição pública, comunitária ou particular, esta “pertinência social” deve ser construída no cotidiano destas instituições pelas ações das pessoas, dos profissionais que delas fazem parte, mediante o enfrentamento dos problemas que este cotidiano rico, complexo e desafiador apresenta. Garantir a permanência do estudante no curso, prevenir a evasão, tendo como horizonte o papel de inclusão social e formação cidadã (em consonância com a formação profissional e vice-versa) são desafios com que se defrontam as instituições de formação superior. Caminhar nesta direção é caminhar em direção a uma educação como “bem social”, não como uma “mercadoria”.

## Referências

- BRAGA, M. M.; PEIXOTO, M. do C. L.; BOGUTCHI, T. F. A evasão no ensino superior brasileiro: o caso da UFMG. **AValiação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, Campinas, v. 8, n. 3, p. 161-189, 2003.
- BRASIL. Comissão Especial de Estudos Sobre a Evasão nas Universidades Públicas Brasileiras. **Diplomação, retenção e evasão nos cursos de graduação em Instituições de Ensino Superior Públicas**. Brasília: MEC, 1996.
- CAPELATO, R. Análise econômica da região: cenários, mercados e projeções. In: JORNADAS REGIONAIS CAMPINAS-SP, 9., 2013, Campinas, SP. **Anais ...** São Paulo: SEMESP, 2013.
- CUNHA, L. A. **A Universidade temporã: o ensino superior, da Colônia à Era Vargas**. 3. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2007a.
- CUNHA, L. A. **A Universidade crítica: o ensino superior na república populista**. 3. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2007b.
- DIAS SOBRINHO, J. Avaliação da Educação Superior, regulação e emancipação. In: DIAS SOBRINHO, J.; RISTOFF, D. (Org.). **Avaliação e compromisso público: a educação superior em debate**. Florianópolis: Insular, 2003. p. 36-37
- DIAS SOBRINHO, J. Educação superior, globalização e democratização. Qual universidade? **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 28, p. 3-7, jan./abr. 2005.
- MERCURI, E.; POLYDORO, S. A. J. (Org.). **Estudante universitário: características e experiências de formação**. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2003.
- MONTEIRO, C. A. et al. **O desafio de colocar 10 milhões de estudantes no ensino superior: estudo e projeções: panorama e propostas**. Marília, SP: CM Consultoria em Administração, 2011.
- MORGAN, G. **Imagens da organização**. São Paulo: Atlas, 1996.
- PEREIRA, F. C. B. **Determinantes da evasão de alunos e os custos ocultos para as Instituições de Ensino Superior**. 2003. 172 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2003.
- POLYDORO, S. A. J. **O trancamento de matrícula na trajetória acadêmica do universitário: condições de saída e de retorno à instituição**. 2000. 175 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Campinas, Campinas, 2000.
- PORTELA, S. Evasão ou Retenção? Uma questão crucial à sustentabilidade das Instituições de Ensino Superior. In: JORNADAS REGIONAIS CAMPINAS-SP, 9., 2013, Campinas, SP. **Anais...** São Paulo: SEMESP, 2013.
- SCALI, D. F. **Evasão nos cursos superiores de tecnologia: a percepção dos estudantes sobre seus determinantes**. 2009. 140f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Educacional) – Universidade de Campinas, Campinas, 2009.
- SILVA, H. F. D. da. **Evasão na educação superior: um estudo em uma IES privada do Médio Tietê**. 2015. 167f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2015.
- TINTO, V. **Leaving college: rethinking the causes and cures of students attrition**. 2. ed. Chicago: University of Chicago Press, 1993.

Waldemar Marques - Universidade de Sorocaba - Uniso. Sorocaba | SP | Brasil. Contato: waldemar.marques@prof.uniso.br

Hércules Ferrari Domingues da Silva - Universidade de Sorocaba - Uniso. Sorocaba | SP | Brasil. Contato: herculesdomingues@hotmail.com

Artigo recebido em: 7 fev. 2017 e  
aprovado em: 6 mar. 2017.